

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING E CYBERBULLYING NA PERSPECTIVA DO MARKETING MACROSSOCIAL

VIOLENCE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: AN ANALYSIS OF BULLYING AND CYBERBULLYING CASES FROM THE PERSPECTIVE OF MACROSOCIAL MARKETING

ANDREIA MOREIRA SILVA

CAISSA VELOSO E SOUSA
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

ANDRÉ FRANCISCO ANCÂNTARA FAGUNDES

LOUSIANA DOS REIS COELHO

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

Agradecimento à órgão de fomento:

Os autores agradecem ao CNPq e a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais o apoio para a realização da pesquisa.

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE DOS CASOS DE BULLYING E CYBERBULLYING NA PERSPECTIVA DO MARKETING MACROSSOCIAL

Objetivo do estudo

Identificar e analisar como os casos de violência escolar, mais especificamente os de Bullying e Cyberbullying, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial.

Relevância/originalidade

Estudos que contemplem essa abordagem holística do marketing macrossocial não foram localizados em busca no banco de dados da Capes, SCIELO e Web of Science, mostrando a originalidade do tema.

Metodologia/abordagem

Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizada a partir de um estudo de caso. Foram entrevistados 15 profissionais da área da educação e 10 pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes matriculados na escola.

Principais resultados

Os profissionais da educação destacam a dificuldade em identificar e intervir em casos de cyberbullying, que ocorrem fora do ambiente escolar, e demandam maior capacitação para lidar com essas situações. Já os pais/responsáveis expressam preocupação e impotência, especialmente em monitorar atividades online.

Contribuições teóricas/metodológicas

A integração entre os três níveis do marketing macrossocial se mostra crucial para a mitigação dos casos de bullying e cyberbullying nas escolas. Trata-se um problema de difícil solução que necessita da intervenção em distintos níveis.

Contribuições sociais/para a gestão

Sugere-se que as Secretarias Estaduais de Educação implementem programas abrangentes de educação emocional e social em todas as escolas da rede pública, especialmente por ser esse público mais desprovido de recursos para buscar suporte privado.

Palavras-chave: bullying, cyberbullying, marketing macrossocial

VIOLENCE IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: AN ANALYSIS OF BULLYING AND CYBERBULLYING CASES FROM THE PERSPECTIVE OF MACROSOCIAL MARKETING

Study purpose

Identify and analyze how cases of school violence, more specifically Bullying and Cyberbullying, are perceived by education professionals and parents/guardians of students, from the perspective of macrosocial marketing.

Relevance / originality

Studies that contemplate this holistic approach to macrosocial marketing were not found in searches in the Capes, SCIELO and Web of Science databases, demonstrating the originality of the topic.

Methodology / approach

This descriptive, qualitative study was conducted based on a case study. Fifteen education professionals and 10 parents or guardians of children and adolescents enrolled in the school were interviewed.

Main results

Education professionals highlight the difficulty in identifying and intervening in cases of cyberbullying that occur outside of the school environment and demand greater training to deal with these situations.

Theoretical / methodological contributions

Integration between the three levels of macrosocial marketing proves crucial to mitigating bullying and cyberbullying in schools. This is a difficult problem to solve and requires intervention at different levels.

Social / management contributions

It is suggested that the State Department of Education implement comprehensive emotional and social education programs in all public schools, especially since this population lacks the resources to seek private support.

Keywords: bullying, cyberbullying, macro-social marketing

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: Uma análise dos casos de *bullying* e *cyberbullying* na perspectiva do marketing macrossocial

1 Introdução

A violência nas escolas é um problema social complexo, que afeta não apenas os envolvidos diretamente, mas também a comunidade escolar e a sociedade, exigindo atenção de diferentes setores, como segurança pública, educação e saúde (Weber, 1999; Minayo, 2005; Castro et al., 2001; Medeiros, 2005). A violência não se limita a atos físicos, abrangendo também formas simbólicas e repressivas (Bryant & Cox, 2002; Rivara et al., 2019), e está enraizada em relações de poder e estruturas sociais.

No ambiente escolar, considerado pela sociedade um espaço seguro, essa percepção tem sido desafiada por episódios recorrentes em diferentes países (Debarbieux, 2002; Blaya, 2005; Routt et al., 2006), se mostrando um fenômeno multifacetado com expressões variadas, como violência física, psicológica, sexual, *bullying* e *cyberbullying* (Abramovay, Cunha & Calaf, 2009; Unesco, 2019). O *bullying* é caracterizado como agressão repetitiva e intencional, física e/ou psicológica, baseada em desequilíbrio de poder (Bana, 2016; Bayraktar et al., 2015; Abramovay & Ruas, 2002), enquanto o *cyberbullying*, potencializado pelas tecnologias digitais, explora o anonimato e a ausência de barreiras físicas, ampliando o impacto das agressões (Crochik et al., 2014; Patchin & Hinduja, 2020; Casado, 2011; Ferreira, 2018). Atualmente o *bullying* é reconhecido no meio acadêmico como um subconjunto de comportamentos agressivos e repetitivos. A opção em usar o termo *bullying* resulta da dificuldade em encontrar na língua portuguesa uma tradução fiel para o termo, deixando de lado as especificidades do fenômeno.

O *cyberbullying* se beneficia do anonimato e da segurança, gerando a sensação de proteção, refletida pela tela do computador, que favorece aos sujeitos a liberdade de evitar de forma normativa as cobranças da sociedade e sua ética moral. Esse ambiente propicia ao agressor usar diferentes personalidades e identidades, dificultando para a vítima identificar quem são seus agressores virtuais, refletindo uma sensação de livre expressão do infrator no ambiente virtual (Casado, 2011; Ferreira 2018).

O fenômeno é contextualizado em nível internacional, citado em estudos e políticas públicas desenvolvidas nos Estados Unidos, América Latina e Europa (Remboldt, 1994; Johnson et al., 1995; Hyman et al., 1997; Martinez, 1999; Miguez, 2008; Mallo, 2010; Furlan, 2012; Silva & Silva, 2018; Debarbieux, 1998, 2006), e no Brasil, onde a discussão se intensificou a partir da década de 1990 (Zaluar, 1992; Guimarães, 1998; Candau et al., 1999; Njaine et al., 2003; Assis et al., 2010; Abramovay, 2018; Souza, 2023), associando a violência escolar a fatores como indisciplina e influência do núcleo familiar (Basso, 2010).

Adversidades sociais, como a violência nas escolas brasileiras, são complexas e interligadas. Elas apresentam causas diversas e fatores interdependentes, tornando sua definição desafiadora. Para tanto, buscando analisar esses problemas multifacetados, a pesquisa fundamentou-se na teoria do marketing macrossocial (Kennedy & Parsons, 2012; Huff et al., 2017; May & Previte, 2016; Gordon, 2012), que permite analisar o fenômeno em três níveis interdependentes: micro (indivíduo), meso (escola e grupos sociais) e macro (governos e políticas públicas), promovendo ações integradas para prevenir e mitigar a violência.

Como objetivo pretendeu-se identificar e analisar como os casos de violência escolar, mais especificamente os de *Bullying* e *Cyberbullying*, são percebidos pelos profissionais da área de educação e pais/responsáveis pelos alunos, a partir da perspectiva do marketing macrossocial.

Apesar de a temática do ambiente escolar ser amplamente pesquisada, estudos que contemplem essa abordagem holística do marketing macrossocial não foram localizados em busca no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Web of Science. Entende-se que a pesquisa tem potencial de contribuição para o aprimoramento das políticas públicas relacionadas, ao investigar a temática e ampliar os subsídios para o entendimento do fenômeno.

2 Revisão de literatura

2.1 Violência no ambiente escolar

A escola, entendida como espaço de inserção social e exercício do direito à educação (Enguita, 1989; Abramovay & Ruas, 2003; Neves Vieira et al., 2011), deveria ser livre de discriminação, mas, na prática, enfrenta conflitos que podem ter origem em contextos familiares e sociais (Colomby et al., 2024; Mena et al., 2021). A violência escolar é multifacetada, abrangendo desde agressões físicas, furtos e vandalismo até incivildades e violência simbólica (Abramovay, Cunha & Calaf, 2009; Priotto, 2008). Esses episódios, registrados em diferentes países e no Brasil (Sposito, 2002; Becker & Kassouf, 2016; GT MEC, 2023), comprometem o clima escolar e as relações de ensino-aprendizagem.

As causas da violência escolar estão relacionadas a fatores individuais, familiares, sociais e institucionais, incluindo desigualdade socioeconômica, preconceitos, negligência familiar e influência da mídia (Lourenço & Senra, 2014; Pereira & Zuin, 2019; Silva & Nunes, 2004). As consequências são amplas: prejuízos ao desempenho escolar, problemas de saúde mental, evasão, insegurança e danos ao patrimônio (Fujiwara et al., 2017; Nobre *et al.*, 2018; Polanin *et al.*, 2020).

O *bullying*, definido por Olweus (2001) e Fante (2005) como agressão intencional, repetitiva e com desequilíbrio de poder, pode ocorrer de forma direta (agressões físicas e verbais) ou indireta (exclusão social, difamação), afetando o desenvolvimento social e emocional dos envolvidos (Lopes Neto, 2005; Mattos *et al.*, 2023). Com o avanço tecnológico, surge o *cyberbullying*, caracterizado pelo uso de mídias digitais para humilhar ou intimidar, potencializado pelo anonimato e pelo alcance ilimitado da internet (Hinduja & Patchin, 2020; Ferreira, 2022). Essa modalidade amplia os impactos sobre as vítimas, incluindo estresse, ansiedade e depressão (Souza, 2022), e ainda carece de estratégias preventivas eficazes (Zagorscak et al., 2018; Salimi et al., 2019).

Quando os conflitos são resolvidos por meio de violência, a consequência tende a ser um agravamento dos problemas, causando traumas e ressentimentos carregados de alto grau de agressividade. A utilização da violência como meio de resolução de conflitos inviabiliza intervenções duradouras, uma vez, que não trata as causas do conflito e não promove um entendimento pacífico. Desenvolver a cultura de paz e orientar para a resolução de conflitos de forma amigável são etapas fundamentais para construir um ambiente escolar saudável e colaborativo (Hink *et al.*, 2022).

No momento atual as escolas dispõem de públicos cada vez mais heterogêneos, que carregam consigo uma bagagem histórica, familiar e de vivência com realidades distintas, fato esse observado frente às dificuldades que esses alunos vêm demonstrando em se socializar, consequência de suas realidades como violência, falta de estrutura familiar, fome, entre outras, (Veiga *et al.*, 2013).

O fenômeno possui peculiaridades e pode influenciar as atividades pedagógicas, não ocorrendo apenas no interior da escola, mas perfazendo uma extensão de reprodução das ações de autoridade e submissão de determinados grupos ou classes de indivíduos. Além de episódios

contra indivíduos, identificam-se ainda vínculos interligados de violência retratados por atitudes de vandalismo, roubo, furtos, quebração e destruição do patrimônio como: paredes, mobiliário, cabeamento de telefone e internet, fios de energia e materiais de uso pedagógico (Katic *et al.*, 2020).

Deste modo, podem acometer seus integrantes e a estrutura física, podendo levar às defasagens de aprendizagem, à evasão escolar, integração entre o conteúdo lecionado e as expectativas dos alunos, o preconceito (racial, gênero e social), à desvalorização do ser docente, à indisciplina e os abusos de autoridade por parte da equipe docente, além de diversas outras ações e fatos indesejados, como aqueles que não envolvem a força física, e sim ataques de ordem psicossocial, citados por (Abramovay 2003; Sposito 2014, Mattos *et al.*, 2023).

Além disso, a violência escolar reproduz efeitos nocivos na saúde mental dos alunos, sendo eles tanto vítimas quanto agressores, causando consequências que perduram por muito tempo e necessitam de acompanhamento psicológico (Polanin *et al.*, 2020). Dentre as diversas consequências dos atos de violência escolar na saúde mental, destaca-se: Depressão, Ansiedade, Síndrome do Estresse Pós Traumático, Problemas de autoestima, Comportamentos de Risco e Distúrbios Alimentares (Mena *et al.*, 2021).

2.2 Marketing Macrossocial: gênese e abordagem

O marketing na década de 1960, passou por transformações expressivas. Inicialmente o objetivo estava relacionado à produção e venda dos produtos fabricados, porém, durante a década de 1960, ocorreu uma mudança gradual em direção a uma ótica mais focada no consumidor. As mudanças sociais da época influenciaram esforços na área, direcionando-os para interesses que superaram as ações comerciais, focando também no enquadramento social (Andreassen, 2003). Essas mudanças ficaram evidentes com a publicação do artigo "Social Marketing: A New Approach to Planned Social Change", (Kotler & Zaltman, 1971), que destacou o marketing social além do mercado, voltando-se especificamente para as ideologias sociais (Andreassen, 2003). Dentre as mudanças apresentadas pelo marketing, na década de 1970 foi o marco do Marketing Social, quando os autores Philip Kotler e Gerald Zaltman, ao analisar os objetivos do Marketing tradicional, relacionados à venda de produtos poderiam também ser utilizados para as causas sociais, transmissões de ideias, condutas e atitudes comportamentais.

O marketing social tem o foco no indivíduo e compreende, principalmente a formulação de políticas públicas, educacionais e de cunho normativo, que tem como propósito ampliar o bem-estar social. Contudo, o foco no indivíduo, para causas de solução mais complexa, pode não ser suficiente, sendo ideal a interação de outros níveis sociais, o que tem origem ao marketing macrossocial (Kennedy, 2021).

O marketing macrossocial compreende uma abordagem holística, que pode ser utilizada como base teórica para compreender em fenômenos de difícil tratamento, como apresentado no presente estudo, por conceituar o domínio social três níveis de influência, sendo eles: *downstream*, *midstream* e *upstream*, requisitando um trabalho em conjunto dos interessados, com o propósito de exercer juntos atividades que, possam ter em cada nível a oferta de uma diversificada forma de intervenções (Gordon, 2012).

O nível *upstream* o nível de influência mais intensa, abrangendo *stakeholders*, políticos, entidades institucionais, dentre outros, tendo o propósito de direcionar mudanças de comportamentos alinhando as políticas públicas à realidade social (Hastings, 2007). Geralmente está relacionado às ações e governamentais e pode incluir tanto questões normativas como educacionais. O nível *midstream* inclui a sociedade, familiares e, no caso de interesse, as próprias escolas, incluindo os profissionais de educação. Bastos *et al.*, (2022) relatam que este nível está contido em um ambiente macro e dinâmico que acomete a rotina de

mudanças na estrutura e convivência dos indivíduos, principalmente em ambientes com diferentes modos culturais. Ao compreender o sistema no qual o indivíduo está inserido, o rastreamento das características e comportamentos concebe uma visão abrangente que permite afeiçoar-se ao escopo da intervenção, com propósito de envolver as partes envolvidas e suas instituições para selecionar métodos e maneiras de avaliação e interpretação das ações finais. O nível *downstream*, conforme Kennedy (2021), refere-se ao indivíduo e sofre influência dos demais meios, refletindo, frequentemente, seus comportamentos.

É essencial que as análises sejam feitas simultaneamente nos três níveis relacionados aos diferentes modos de estabelecer relações humanas. É importante entender esses níveis dentro das compreensões epistemológicas para evitar a simplificação teórica e promover atitudes colaborativas no meio acadêmico, garantindo a veracidade dos fenômenos (Huff *et al.*, 1987; Elias, 1992; Gordon, 2012).

3 Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa descritiva, que, conforme Godoi (2006) e Gil (2007), observa e analisa fenômenos sem manipulá-los, buscando compreender sua ocorrência e relações. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir a obtenção de dados descritivos e interpretação de significados em contextos complexos (Merriam, 1998; Bogdan & Biklen, 2010; Luchesi, 2012), sendo flexível e adaptável, com uso de entrevistas como principal recurso (Günther, 2006).

O método adotado foi o estudo de caso qualitativo (Lüdke & André, 1986; Yin, 2001; Gil, 2017), aplicado a uma escola pública estadual de Minas Gerais, localizada em São Joaquim de Bicas, que atende cerca de 963 alunos do Novo Ensino Médio, de diferentes perfis socioeconômicos. A escolha se justificou pela centralidade da instituição, pela acessibilidade e pela recorrência de episódios de violência no seu entorno. A unidade de análise compreendeu as ações de violência escolar, incluindo bullying e cyberbullying, e os sujeitos foram professores, especialistas, diretor, pais e responsáveis, selecionados por acessibilidade (Sanches, 1993).

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro semiestruturado. Os entrevistados foram divididos em dois grupos: o grupo A, composto por quinze profissionais da educação, (professores, especialistas, vice-diretor e diretor) do Novo Ensino Médio, de ambos os sexos, idade, identificando a formação e tempo de função na instituição e na carreira. O grupo B foi constituído por dez pais e responsáveis dos discentes da instituição pesquisada, todos residentes no referido município de localização da instituição com um quadro socioeconômico heterogêneo, conforme especificado a seguir. Para a descrição PE compreendem os profissionais da educação e PR pais ou responsáveis.

Para a análise dos dados optou-se que pela técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), em três etapas - pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - complementada pela revisão de literatura. As entrevistas, gravadas e transcritas manualmente, foram organizadas em categorias temáticas no Excel, possibilitando conexões teóricas com autores de referência e interpretação aprofundada das percepções dos participantes. O início da coleta de dados ocorreu após a liberação pelo Comitê de Ética e autorização da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.

4 Apresentação e discussão dos resultados

4.1 Caracterização dos Entrevistados

O Grupo A, conforme demonstrado na tabela 1, é heterogêneo em relação a gênero, idade, estado civil, formação e tempo na instituição, mas predominantemente feminino, casado, com idade média de 43 anos, e com especialização como formação mínima. A maioria desses profissionais (11 de 15) são professores, e todos são servidores públicos efetivos, o que lhes garante estabilidade. Apenas quatro dos 15 entrevistados desse grupo não possuíam empregos externos à instituição.

Tabela 1 -Perfil sociodemográfico dos entrevistados, profissionais da educação (PE)

Cód.	Sexo	Idade	Estado Civil	Formação	Função	Tempo de Função na instituição
E1	F	46 anos	casada	especialização	PEB – Matemática	12 anos
E2	F	44 anos	divorciada	especialização	Especialista	10 anos
E3	F	41 anos	casada	especialização	PEB – Português	7 anos
E4	F	45 anos	casada	especialização	PEB – História	9 anos
E5	M	39 anos	casado	especialização	Diretor	2 anos
E6	F	46 anos	casada	especialização	PEB – Geografia	10 anos
E7	M	29 anos	solteiro	especialização	PEB – Biologia	3 anos
E8	F	50 anos	casada	especialização	PEB – Química	9 anos
E9	F	43 anos	casada	graduação	PEB – Eletivas	8 anos
E10	M	44 anos	solteiro	especialização	PEB – Matemática	12 anos
E11	M	46 anos	solteiro	especialização	Vice-Diretor	10 anos
E12	F	43 anos	casada	especialização	PEB – Sociologia	9 anos
E13	F	42 anos	casada	especialização	PEB - Filosofia	7 anos
E14	F	41 anos	casada	especialização	Especialista	8 anos
E15	F	42 anos	união estável	especialização	PEB – Física	9 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

O Grupo B, apresentado na tabela 2, é composto por nove mulheres e um homem, com idades entre 35 e 45 anos, formação variada (predominantemente ensino fundamental e médio, com duas entrevistadas com curso superior), profissões no comércio local, prefeitura ou como "do lar", e renda familiar entre um e quatro salários-mínimos. A maioria residia em áreas periféricas do município.

Tabela 2 – Perfil sociodemográfico dos entrevistados na categoria Pais e Responsáveis (PR)

Cód.	Sexo	Idade	Estado Civil	Nº de filhos	Formação	Profissão	Renda
E1	F	42 anos	casada	3	Ensino Fundamental	Do lar	R\$600,00
E2	F	36 anos	casada	2	Ensino Médio	Atendente	R\$14.500,00
E3	F	35 anos	solteira	3	Ensino Médio	Comércio	R\$2.000,00
E4	F	35 anos	casada	3	Ensino Médio	Comércio	R\$1.800,00
E5	F	38 anos	união estável	1	Graduação	Analista de Dados	R\$3.200,00
E6	M	41 anos	amasiado	4	Ensino Médio	Auxiliar Administrativo	R\$1.750,00
E7	F	43 anos	divorciada	3	Ensino Fundamental	Gari	R\$1.700,00
E8	F	44 anos	solteira	2	especialização	Assistente Social	R\$3.800,00
E9	F	44 anos	união estável	2	Ensino Fundamental	Do lar	R\$600,00
E10	F	38 anos	divorciada	3	Ensino Fundamental	Do lar	R\$600,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

4.2 Percepção e Conscientização

A análise das respostas dadas nas entrevistas tem o objetivo de descrever e analisar o entendimento dos participantes da pesquisa, acerca da percepção da violência, do *bullying* e *cyberbullying*. As palavras mais citadas por todos os entrevistados encontram-se na Figura 1 a seguir.

EIXOS	SENTIDOS TEMÁTICOS
PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR	Violência física
	Violência verbal
	Violência psicológica
	Xingamentos
	Problemas familiares
	Preconceito
	Depressão
	Ansiedade
	Tensão Emocional
	Falta de respeito ao outro
	Exclusão social
	Cria problemas nas relações familiares
	Falta de limites por parte da família na educação das crianças e dos adolescentes
	Resistência às regras Agressividade
	Falta de limites no uso das redes sociais como parte da causa da violência na escola

Figura 1 – Categoria 1: Percepção e Conscientização

A percepção dos entrevistados sobre a violência é influenciada por fatores como preconceito, intolerância, raiva e relações de poder. A estrutura do ambiente escolar também pode influenciar a violência. Os profissionais da educação apontam *bullying* e *cyberbullying* como as principais causas de conflitos, mencionando que desigualdade socioeconômica e violência doméstica podem ser estímulos.

Os pais compartilham essa percepção, destacando as diferenças socioeconômicas como uma das principais causas. Para inibir a violência, ambos os grupos concordam que as escolas precisam de regras claras e rígidas e de funcionários especializados para a segurança. Muitos profissionais da educação relataram já ter sofrido violência, sendo a psicológica a mais citada, incluindo deboches e xingamentos online. Essas experiências geraram quadros de ansiedade, depressão e Síndrome de Burnout, levando a afastamentos do trabalho.

(PE), Vejo que a violência na escola é um fato de convivência dos alunos, que muito das vezes a violência é implícita, camuflada pela forma como se iniciam as brigas e atritos, até nós percebermos que está acontecendo um ato violento dentro da escola, a confusão já está formada e quem é vítima já está sofrendo a muito tempo. (E6).

(PR) Fico muito preocupada quando meu filho está na escola, porque ele é tímido e tem muita vergonha, não sabe brigar e se defender. Então vejo que as brigas acontecem por causa de terem alunos com mais dinheiro e outros pobres, tem também a questão da cor, da homossexualidade. Meu

filho não me conta nada e aí fico mais preocupada ainda, pois se tiver acontecendo alguma coisa vou ser a última a saber. (E7).

Esses comportamentos agressivos, que vão desde a intimidação presencial até a violência virtual, geram impactos profundos na saúde mental e no desenvolvimento emocional dos jovens, contribuindo para crises de autoestima, depressão e, em casos extremos, tragédias como suicídios ou atos violentos nas escolas, conforme relatado pelos pais. Para Matos et al. (2023), a expansão das tecnologias e o fácil acesso às redes sociais amplificaram o alcance do *cyberbullying*, tornando a questão ainda mais urgente para pais, educadores e autoridades.

Para E15 (PE) há problemas intrínsecos ao nível midstream do marketing macrossocial:

(PE), Os alunos hoje em dia não recebem educação de casa, e o resultado é chegam na escola, super agressivos, brigando, xingando e querendo partir para agressão com a gente. Já sofri os dois tipos de violência, a física e psicológica, onde um aluno após deixar de fazer as atividades, eu dei uma ocorrência e ele não gostou, ao final da aula, jogou a cadeira em mim. Recentemente, após voltar de um afastamento por motivo de saúde, os alunos começaram a fazer bullying comigo, colocando apelidos por eu estar mancando, zombado da minha condição física. (E15).

Esses fatos se mostram difíceis para serem solucionados e demandam ações conjuntas. Parece haver diversos fenômenos intrínsecos, com causas e consequências distintas, como analisado abaixo.

4.3 Causas e Consequências

Na segunda categoria, "Causas e Consequências", os entrevistados apontam que o *bullying* e o *cyberbullying* causam impactos profundos e duradouros. As vítimas de *bullying* e de *cyberbullying* tendem a se isolar, perder o interesse nos estudos, e desenvolver ansiedade e depressão. Os pais notam que seus filhos evitam o uso de celulares e redes sociais. Por outro lado, os agressores são frequentemente motivados pela necessidade de status, frustrações pessoais ou pela reprodução de comportamentos violentos vivenciados em casa.

Em se tratando de *bullying* e *cyberbullying*, algumas palavras se destacaram ao longo das entrevistas com os profissionais da educação e os pais/responsáveis. Esses sinônimos e termos são semelhantes, e são frequentemente utilizados por estes entrevistados para descrever esses comportamentos, suas causas e consequências, principalmente no ambiente escolar, conforme a Figura 2.

EIXO TEMÁTICO	SENTIDOS
Razões, Causas e Consequências dos atos de Bullying e Cyberbullying no ambiente escolar	➤ Bullying Assédio Escolar Assédio Verbal Assédio Físico Ameaça Intimidação Agressão Verbal Agressão Física Perseguição Humilhação Violência Escolar Abuso Psicológico Discriminação Hostilização ➤ Cyberbullying Assédio Virtual Intimidação Calúnia Difamação Ataque cibernético Trolagem Ofensas Perseguição Ameaça Dominação

Figura 2 – Categoria 2: Causas e Consequências

O anonimato da internet também pode amplificar esses comportamentos. Ambos os grupos concordam que as consequências afetam tanto vítimas quanto agressores, podendo resultar em problemas emocionais e dificuldades de aprendizagem para as vítimas e em envolvimento com atos violentos para os agressores.

Ao se perguntar aos entrevistados como o *bullying* e o *cyberbullying* afetam o comportamento dos estudantes/filhos, profissionais da educação e pais/responsáveis descrevem um perfil muito semelhante nas suas percepções, relatando que ao estar em posição de vítima esses estudantes/filhos procuram manter certo distanciamento de todos, na escola e no núcleo familiar, perdem a vontade de manter o convívio social e deixam de participar das atividades rotineiras. Ao longo do tempo vão perdendo suas características próprias se transformando em pessoas isoladas, conforme exemplificado nos trechos abaixo de exemplos de alunos e filhos, vítimas de *bullying* e *cyberbullying*.

(PE), Tive um aluno, de uns 15 anos estudante do 1o ano do ensino médio, era um menino muito educado, engraçado e muito inteligente. Porém no decorrer daquele ano, fui observando sua mudança de comportamento, ficou mais retraído, calado e perdeu o interesse pelos estudos. Começou a ter episódios de crise de ansiedade, comecei então a perguntar aos demais alunos o que poderia estar acontecendo, porém os colegas fingiam não saber de nada. Os pais foram chamados na escola e disseram que estavam suspeitando de depressão, pois em casa ele também havia mudado o comportamento. Após muita insistência uma colega de sala relatou que esse aluno estava sofrendo retaliação por ser inteligente e tirar notas boas, dois colegas de sala estavam ameaçando ele e fazendo chacota no horário do recreio. Infelizmente se levou muito tempo para detectarmos esse caso de Bullying, então após descoberto foi necessário um plano de ação para recuperar ambos, os agressores e a vítima. foi meu caso mais drástico pois o aluno não se recuperou até hoje e perdeu totalmente a vontade de estudar. (E2).

(PR), Eu acho que meu filho já foi sim vítima de bullying, teve uma época ele estava no 7o ano, percebi que ele mudou muito o comportamento, ficou mais calado e não queria ir para a escola, a gente perguntava ele ficava mudo. Daí começou a ter certos dias que falava que não queria ir p escola e que estava doente, quando na real percebi que ele estava mentindo pra não ir na escola. No final do ano me pediu pelo amor de Deus me tira dessa escola, eu até fui na escola conversar com os professores, mas não adiantou muito, pois eles disseram que isso estava acontecendo com vários alunos, decidi então tirar meu filho da escola, e daí não tive mais problemas essa nova escola ele gosta de estudar (E13).

Pais e profissionais da educação concordam que o *bullying* e *cyberbullying* têm efeitos profundos no comportamento dos alunos, afetando seu aprendizado e socialização. Para Silva *et.al.*, (2022), na prática percebe-se que o medo e a insegurança reproduzem sentimentos de fraqueza, tristeza e isolamento (Mattos *et al.*, 2023).

4.4 Ação conjunta

A terceira categoria, "Ação conjunta", abordou o papel dos três níveis marketing macrossocial na prevenção do *bullying* e do *cyberbullying*. Os entrevistados de ambos os grupos concordam que a união de governo, escola e família é fundamental para o combate e a prevenção da violência. Os profissionais da educação e os pais, em sua maioria, acreditam que o governo tem a responsabilidade de implementar programas educacionais e ações de conscientização, além de investir em segurança nas escolas e criar leis mais rígidas para punir agressores. No entanto, muitos entrevistados expressaram insatisfação com as ações governamentais, considerando-as superficiais, ineficazes e desvinculadas da realidade de cada escola. Os profissionais da educação também afirmaram que não recebem a capacitação necessária para lidar com o problema, conforme demonstrado na figura 3:

CATEGORIA	SENTIDOS
Ação conjunta	Apoio e Suporte
	Conscientização e Conhecimento
	Percepção e Segurança
	Bullying
	Competitividade negativa
	Aplicar regras e normas
	Relações de poder
	Agressividade
	Raiva
	Disputa de forças pessoais
	Problemas psicológicos dos alunos
	Problemas de ordem familiar
	Falta de limites familiares
	Problemas pessoais dos professores
	Intolerância
	Assédio Moral
	Assédio Sexual
	Violência contra a identidade do outro
	Calúnia
	Difamação

Figura 3 – Categoria 3: Clima Organizacional

Em relação ao papel da escola, ambos os grupos concordam que ela deve promover disciplina, ordem e bom convívio social, agindo para identificar e intervir precocemente nos casos de violência. A interação entre escola, comunidade e governo é vista como essencial para o sucesso das iniciativas de combate à violência. Essa aliança, baseada no marketing macrossocial, tem o potencial de promover uma mudança cultural e profunda, criando um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

Profissionais da área da educação e pais concordam que é preciso mitigar as ocorrências de violência no ambiente escolar e destacam a importância do governo para a promoção de ações relacionadas.

(PE), Acredito que do jeito que está, não pode ficar. Precisamos nos unir (escola, governos, os pais) para conter e combater essa onda de violência que perpetua no ambiente escolar. Os alunos precisam entender como é viver em sociedade como seremos humanos, e que nada se resolve na porrada, com xingamentos e humilhação nas redes sociais, só unindo forças para colocarmos disciplina e ordem na escola (E4).

(PR) O governo precisa tomar uma posição, nós pais e a escola temos o dever de ajudar nessa missão, juntos podemos melhorar a vida dos estudantes. A escola precisa ser um local seguro e de amizade, precisamos ensinar estes meninos que todos temos conflitos, desentendimentos e estes são resolvidos na conversa, não com brigas. Eles também precisam ser punidos, saber que tudo que eles fazem tem consequências, e que as vítimas podem se vingar, como a gente já viu casos de alunos matarem os colegas. (E10).

Dando ênfase ao papel do governo, a entrevista procedeu perguntando como o governo pode evitar que aconteçam os casos de *bullying* e *cyberbullying*. Para os profissionais da educação, a maioria ressaltou que o governo possui responsabilidade vital na prevenção desses casos, implementando de forma abrangente programas educacionais e ações de conscientização, com medidas eficazes no combate à violência no ambiente escolar nos casos de *bullying* e *cyberbullying*. Kennedy (2017) destaca que a combinação entre a sociedade e o Marketing Macrossocial foca nos problemas de maneira abrangente, começando pelos casos mais severos e graves.

(PE) Só teremos uma escola inclusiva, disciplinada e organizada partir do momento que todos os atores responsáveis, governo, escola e família se unirem em prol da educação. Onde cada uma saiba a sua função, que é o governo com leis e campanhas de punição e conscientização, a escola promovendo a disciplina e o respeito e a família transmitindo os valores, orientando seus filhos. Essa união, essa parceria irá criar um ambiente seguro e sem violência (E7).

(PR) Acho muito importante a gente poder unir ao governo e a escola na educação dos nossos filhos. O mundo de hoje tá muito difícil, então a gente precisa tá sempre atento, porque esses meninos são muitos espertos e na internet onde eles querem ficar a maior parte do dia tem coisas boas e muito ruim também.

Na percepção dos pais, o governo tem a atribuição de manter a escola segura, e para isso se faz necessário investimentos em equipamentos de segurança, que possam detectar o início desses casos de perseguição e ameaça. Pode exercer ainda um papel primordial na prevenção do *bullying* e *cyberbullying* por meio de diferentes ações que ofereçam suporte à família, maior fiscalização e leis mais rígidas para punir os agressores. Gordon (2012) descreve que agenciar mudanças e estabelecer intervenções no núcleo social reflete uma mudança significativa no indivíduo, refletindo mudanças nos âmbitos sociais.

5 Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de profissionais da educação e pais/responsáveis sobre a violência escolar, especialmente *bullying* e *cyberbullying*, sob a perspectiva do Marketing Macrossocial. Os resultados revelam um cenário preocupante, com impactos negativos no bem-estar físico e psicológico dos alunos, no convívio social e no rendimento escolar. A violência é percebida como um desafio multifacetado, exigindo ações integradas entre governo, escola e família para sua prevenção e combate.

Os profissionais da educação destacam a dificuldade em identificar e intervir em casos de *cyberbullying*, que ocorrem fora do ambiente escolar, e demandam maior capacitação para lidar com essas situações. Já os pais/responsáveis expressam preocupação e impotência, especialmente em monitorar atividades online dialogar com os filhos sobre o tema. Ambos os grupos ressaltam a necessidade de políticas públicas mais eficazes, como programas de educação emocional, campanhas de conscientização e suporte psicológico nas escolas.

O estudo evidenciou a importância da implementação de práticas e políticas públicas eficazes e contínuas no ambiente escolar, abrangendo desde a gestão escolar até a atuação dos alunos. Nesse sentido, a educação deve ser fundamentada no desenvolvimento integral dos estudantes, em consonância com os princípios basilares dos direitos humanos. Essa abordagem promove a construção de uma postura ética, responsável e respeitosa entre os alunos, contribuindo para a formação de uma cultura de paz.

Analizando os relatos dos pais/responsáveis perante a percepção deles em relação ao *bullying* e *cyberbullying*, fica evidente que muitos sentem uma combinação de preocupação, frustração e, em alguns casos, impotência diante dessas formas de violência. Embora reconheçam os perigos, muitos pais enfrentam dificuldades em identificar quando seus filhos estão sendo vítimas ou são os agressores, principalmente nos casos de *cyberbullying*, que ocorrem no mundo virtual e fora de uma supervisão direta.

Os pais de modo geral, percebem o *bullying* como uma ameaça séria ao bem estar de seus filhos, reconhecendo seus impactos emocionais, sociais e na aprendizagem. No entanto, muitos relatam desafios em dialogar abertamente com os filhos sobre o assunto. As vítimas de *bullying*, por medo de represálias ou vergonha, frequentemente hesitam em compartilhar suas experiências com os pais, o que gera uma sensação de frustração e impotência familiar. Isso ressalta a dificuldade que muitos pais enfrentam ao tentar identificar sinais de que algo está errado, especialmente quando os filhos não compartilham suas rotinas.

Perante o *Cyberbullying*, essa percepção de vulnerabilidade é ainda maior. Os pais relatam dificuldades em acompanhar as atividades *on-line* de seus filhos, seja devido à natureza privada das interações digitais ou ao uso de plataformas que eles, enquanto pais, não dominam. Mesmo quando conseguem identificar sinais de que algo está errado, como mudanças de humor, isolamento ou ansiedade, é difícil para eles intervirem efetivamente, já que as agressões acontecem de forma virtual e muitas vezes longe de sua visão.

Além disso, os pais percebem que faltam recursos e orientações adequadas para lidar com o *cyberbullying*. A maioria se sente despreparada para abordar essas situações e os pais expressam a necessidade de mais suporte por parte das escolas e dos governos. A falta de conhecimento sobre as melhores práticas para monitorar e orientar os filhos em relação ao uso de internet, em específico as redes sociais, também contribui para essa sensação de desamparo.

Com limitações do estudo ressalva-se que os relatos trazidos pelos entrevistados não ocorreram necessariamente em tempos apenas recentes, o que faz com que seja possível inferir que os problemas aqui elencados não estão relacionados apenas ao contexto do presente, mas também pelas vivências dos mesmos.

Para ampliar o escopo da pesquisa sobre o tema, sugere-se a realização de estudos comparativos entre diferentes regiões e instituições escolares públicas. Tais estudos podem

proporcionar a identificação de variações regionais e organizacionais nas práticas de gestão e nos casos de violência no ambiente escolar provocados pelo *bullying* e *cyberbullying*, proporcionando uma compreensão mais abrangente e contextualizada do problema. A comparação entre diferentes contextos pode revelar fatores culturais, econômicos e políticos que influenciam a ocorrência e a gestão da violência escolar.

Visando mitigar e prevenir os casos de violência no ambiente escolar, incluindo o *bullying* e *cyberbullying*, sugere-se que as Secretarias Estaduais de Educação implementem programas abrangentes de educação emocional e social em todas as escolas da rede pública, especialmente por ser esse público mais desprovido de recursos para buscar suporte privado. Esse programa pode incluir atividades de conscientização sobre o *bullying* e suas consequências, cursos de capacitação para os profissionais da educação, a fim de identificar e intervir em casos de violência e o uso de mediadores para promover o diálogo entre os estudantes.

Referências

- Abramovay, Miriam e outros. *Gangues, galeras, chegados e rappers* Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- Abromovay, M. Ruas M. das G et.al. Percepções dos alunos sobre repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. IN: Escola e Violência; Miriam Abromovay, Brasília, UNESCO, UCB 2002 P.89-120.
- Abramovay, Miriam; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: RITLA, SEEDF, 2009.
- Abramovay, Miriam (Coord.). Conversando sobre violência e convivência nas escolas. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, OEI, MEC, 2012.
- Abramovay, Miriam (Coord.). Conversando sobre violência e convivência nas escolas. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, OEI, MEC, 2012.
- Abramovay, Miriam. O Papel da Educação para Jovens Afetados pela Violência e Outros Riscos. Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), 2018.
- Andrade, M.M. Introdução a metodologia do trabalho científico, elaboração de trabalhos de graduação: São Paulo, SP: Atlas 2010.
- Andreasen, A. R. (2002). Ética e Marketing Social: como conciliar os interesses do cliente, da empresa e da sociedade numa ação de marketing (1o ed). São Paulo: Futura.
- Andreasen, A. R. (2003). The Life Trajectory of Social Marketing Some implications. Marketing Theory, 3(3), 293–303.
- Andreasen, a.r. (2005). Social marketing in the twenty-first century.
- Andreasen, A. R. (2006)- Social Marketing in the 21st Century- ilustrada, SAGE, ISBN: 2006-1412916348, 9781412916349; 264 páginas- p. 43-62.
- Assis, Simone G.; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Q. (orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Fiocruz, 2010.
- Becker, K. L., & Kassouf, A. L. (2016). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. Nova Economia. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/2591>.
- Bourdieu, P.; PASSERON, J.-C. Los herderos: los estudiantes y la cultura. 2. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.
- Brasil, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>. Acesso em 20/03/2022.

- Campbell, M. Study confirms girls are victims of cyberbullying. Brighton: Medical News Today, 2007. Disponível em: www.medicalnewstoday.com/articles/83863.php. Acesso em: 2023.
- Castro, M. G.; Abramovay, M.; Rua, M. G.; Andrade, E. R. (2001). Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza (3ª ed.). Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento.
- Cruz, T. M. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. Educação em Revista, v. 30, p. 157-188, 2014.
- Damasceno, C. D.; Sousa, C. V.; Batinga, G. L. Filhos do Coração: Percepção das Famílias Adotantes em Relação as Ações de Marketing Social em Prol da Causa. Revista Gestão & Planejamento, v. 21, n. 1, p. 54-69, 2020.
- Debarbieux, Eric; Blaya, Catherine (Orgs.). Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002. P.59-93.
- Demo, P. (2004) Pesquisa Participante: Saber pensar e intervir juntos. Brasília/DF: Liber Livros.
- Elias, N. A. Sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Fante, Cleo. Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campina – SP: Verus, 2005.
- Ferreira, T. R. S. C. Cyberbullying: magnitude, experiências e possibilidades de prevenção entre adolescentes do Ensino Médio de duas capitais brasileiras. 2022. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueiras, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.
- Ferreira, T. R. S. C. Cyberbullying de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.
- Ferreira, T. R. S. C.; DESLANDES, S. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, p. 3369-3379, 2018.
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e enfrentamento do bullying. Psicologia Escolar e Educacional, 16(1), 55-60. Doi: 10.1590/S14
- Gaio, D. M.; BLUM, P. Implicações do bullying no desenvolvimento infantil. Acadêmica de Psicologia/UNIBRASIL. 2016.
- Gasparini J.L. (1999). A construção dos conceitos científicos na teoria histórico cultural e as implicações pedagógicas. In: Semana da Pedagogia. Maringá- Universidade Estadual de Maringá- PR.
- Gordon 2012- Gordon, R. (2012) Re-thinking and re-tooling the social marketing mix. Australasian Marketing Journal 20, 122-126.
- Guimarães, Áurea Maria. Escola e violência: Relações entre vigilância, punição e depredação escolar. Campinas; 1984. 183p. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da PUC de Campinas.
- Guimarães, Eloisa. Escola, Galeras e Narcotráfico. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- Huff, A. D., Barnhart, M., McAlexander, B., & McAlexander, J. (2017). Addressing the wicked problem of American gun violence: consumer interest groups as macro- social marketers. Journal of Macromarketing, 37(4), 393-408.

- Katic, B., Alba, L. A., & Johnson, A. H. (2020). A systematic evaluation of restorative justice practices: school violence prevention and response. *Journal of school violence*, 19(4), 579 -593
- Kennedy, A.M. Macrosocial marketing. *Journal of Macromarketing*, v. 36, n. 3, p. 354-365, 2016. doi:10.1177/0276146715617509
- Kennedy, A-M (org.) (2021) Macro-social Marketing Insights: Systems Thinking for Wicked problems.
- Kotler, P., & Lee, n. (2011). *Marketing social: influenciando comportamentos para o bem* (3o ed). Porto alegre: Bookman.
- Kotler, P.& Roberto, E. *Marketing Social: estratégias para alterar o comportamento público*. Tradução de José Ricardo Azevedo e Elizabeth Maria Braga. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- Kotler, P., & Zaltman, g. (1971). Social marketing: an approach to planned social change. *Journal of marketing*, 35(3), 3-12.
- Lanzoni, Sônia Lopes. *Clima organizacional: fator de prevenção à violência escolar*. 2009. 221 f. Tese (doutorado em educação escolar) – programa de pós-graduação em educação escolar, faculdade de ciências e letras, universidade estadual paulista, Araraquara, 2009.
- Laterman, Ilana. *Violência e incivildades na escola*. Florianópolis: Letras, Contemporâneas, 2000.
- Levandowski, G. *Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: características cine antropométricas e psicossociais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- Machado NETO, M.M. (2010). O marketing é a mensagem. *Organicom*, 7(13), 49-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2010.139069>.
- Mena, A., Moret-Tatay, C., Xavier, C. E., & De Lima Argimon, I. I. (2021). Programas de intervenção para a prevenção da violência escolar: uma revisão sistemática e meta-análise. *Edupsykhe. Jornal de Psicologia e Educação*, 19(1), 106-127. <https://doi.org/10.57087/edupsykhe.v19i1.4380>
- Minayo, M.C.S *A violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Cadernos de saúde pública, 10 Rio de Janeiro 1994.
- Minayo, Maria Cecília e outros. *Fala Galera* Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- Nobre, C. S. et al. Fatores associados à violência interpessoal entre crianças de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, Brasil. *Ciência. saúde coletiva*, v. 23,n. 12,p. 4299-4309, 2018.
- Olweus, D. *Aggression in the schools: Bullies and Whipping Boys*. Washington: Hemisphere Pub. Corp.; New York: Halsted Press, 1978. 96
- _____. *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Lackwell, 1993.
- _____. *Understanding and researching bullying: Some critical issues*. In S. R. Jimerson, S. Patchin, Justin & HINDUJA, Sameer. (2006). *Bullies Move Beyond the Schoolyard A Preliminary Look at Cyberbullying*. *Youth Violence and Juvenile Justice*. 4. 148- 169. 10.1177/1541204006286288.
- Priotto, Elis Palma. *Características da violência escolar envolvendo adolescentes*. In. EDUCERE. Congresso de Educação da PUCPR, 2006. Curitiba: Champagnat 2006.
- _____. *Violência Escolar: políticas públicas e práticas educativas*. Curitiba 2008.
- Randall, P. E. *A community approach to bullying*. Stoke-on-Trent: Trentham Books, 1996.

- Rez, Rafael. Marketing de conteúdo: a moeda do século XXI. São Paulo: DVS, 2016.
- RISTUM, M. and FERREIRA, T. R. S. C. Bullying escolar e cyberbullying. In: ASSIS, S. G.
- Salles, L. M. F. Desvelando a Escola: o adolescente, o professor do aluno adolescente e a indisciplina na escola. In: SALLES, L M. F; LEITE, C. D; LOUVEIRA, M B (Orgs.). Educação, Psicologia e Contemporaneidade: novas formas de olhar para escola. Taubaté, São Paulo: Cabral Universitária, 2000, p. 131-154.
- Silva, M., & Silva, A. G. (2018). Professores e alunos: o engendramento da violência da escola. *Educação & Realidade*, 43(2), 471-494. Recuperado a partir de <https://dx.doi.org/10.1590/2175-623664089>
- Tognetta, L. R. P. et al. Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremera. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 12, n. 3, p. 1880–1900, 2017.
- Veiga, F. H., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., Janeiro, I., Conboy, J., Carvalho, C., Caldeira, S., Melo, M., Pereira, T., Almeida, A., Bahía, S., & Nogueira, J. (2013). Envolvimento dos Alunos na Escola: Conceito e Relação com o Desempenho Acadêmico — Sua Importância na Formação de Professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 46-2, 31-
- Zaluar, Alba (org.) Violência e Educação. São Paulo: Cortez, 1992.
- Zequinão, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. *Journal of Human- Growth and Development*, v. 27, n. 1, p. 19-27, 2017.